

educação é uma ciência e uma arte, conhecer a natureza do homem, pôr os princípios em prática);

3) a educação prepara o indivíduo para a comunidade e esta para a pessoa (a educação é, simultaneamente, obra individual, coletiva e pessoal);

4) a educação hierarquiza as atividades naturais e sobrenaturais do homem (os quatro momentos capitais de uma educação integral: homem e natureza, homem e sociedade, homem e conhecimento, homem e Deus);

5) as autoridades educacionais, na ordem natural, a família e o Estado, e, na ordem sobrenatural, a Igreja (a escola é um grupo social subsidiário, se bem que autônomo e não independente e completo).

Deve a educação no Brasil ter caráter personalista, doméstico, corporativo e cristão. Toda forma de educação que contrariar esses postulados merece a formação do Brasil e dos brasileiros. O espírito cristão deve ser inculcado à nossa educação nacional. A história do Brasil é a história do cristianismo, caso contrário seria negar ao Brasil a sua alma, a sua brasilidade." LIMA, Alceu Amoroso. "Princípios Pedagógicos". *A Ordem*, Rio de Janeiro, julho/agosto de 1936. p. 102-117.

A MEMÓRIA DE JOSÉ MARTÍ NA REVOLUÇÃO CUBANA*

Patricia Gheeli Carvalho**

José Martí, filho de espanhóis, nascido em Havana em 1853, foi o grande ideólogo da libertação de Cuba. Morto em combate em 1895, tornou-se o símbolo de liberdade para os cubanos. Sua imagem de estrategista, anti-colonialista e anti-imperialista permanece no imaginário do povo de Cuba e da América Latina. Seu pensamento tornou-se fundamental para se compreender o processo político e social de Nossa América. Para Ernesto Che Guevara, Martí é mais que cubano, pertence a todo o continente americano.¹ Fidel Castro, em discurso pronunciado em 1968, refere-se a Martí como "o mais genial e o mais universal dos políticos cubanos". E, ainda, em 1972, ao discursar em outro evento, assim o descreve: "Martí pensava que pátria é humanidade", e nos traçou a imagem de uma América Latina unida, frente a outra América imperialista e soberba, "conturbada e brutal" - como ele dizia - que nos despreza.²

Aos quinze anos Martí já ingressava no movimento independentista de Cuba, ao aderir a causa da Revolução de Yara, guerra cubana contra a Espanha iniciada em 1968 e que durou 10 anos. Fez publicações clandestinas de seus poemas e auxiliou em edições jornalísticas referentes à causa libertadora. A autoria de uma carta sobre o direito de Cuba à independência o levou à condenação, à prisão e ao desterro em Madri.

Ele contribuiu tanto em publicações de livros, artigos de jornais, poesia, conferências, etc... durante o tempo em que esteve desterrado de seu país, como em sua atuação na guerra onde deu sua vida acreditando que um dia Cuba pudesse ser livre e soberana.

De 1881 a 1895, Martí residiu em Nova York. Pode-se dizer que esta época significou muito para a vida de Martí pois suas posições ideológicas se ampliaram, como também, sua visão a respeito de Cuba e América Latina. Ao chegar aos Estados Unidos ficou entusiasmado ao ver como a democracia e a liberdade funcionavam naquela nação. Com o passar do tempo Martí viu que a liberdade e a democracia eram privilégio dos brancos descendentes de ingleses. O resto: negros, asiáticos, índios, pobres

e latino-americanos não tinham acesso a essas conquistas. Eram discriminados e desprezados de todas as formas. Os Estados Unidos se apresentavam desde então como uma das nações mais ricas do mundo e que já adotavam medidas neocolonialistas em relação à América Latina.

Martí percebeu nesse tempo que Cuba não só teria que lutar contra a Espanha como também teria que impedir qualquer tentativa de dominação dos Estados Unidos, já que esta nação via Cuba com interesses estratégicos e queriam alargar suas fronteiras pela América Latina expandindo sua política geo-econômica (*Big-Stick*). Martí, vendo estes acontecimentos, deu início a sua maior luta escrevendo para jornais, publicando livros e panfletos, denunciando todas essas intenções a fim de alertar o povo cubano do grande perigo que rondava sua pátria.

Em fins de 1898, inesperadamente, mudanças ocorreram na situação cubana, quando a guerra colonial foi absorvida pela guerra entre Estados Unidos e Espanha. Na ocasião os Estados Unidos emergiam como potência mundial e tinham interesse particular nessa guerra, pois Cuba estava nos seus planos de expansão territorial e econômica. A insurreição cubana de 1895 foi contexto para a fabricação dessa guerra entre as duas nações, pois os Estados Unidos sentiram-se ameaçados pela possível independência de Cuba.

Vale também acrescentar, que neste mesmo ano de 1895, o Secretário de Estado norte-americano Richard D'Olney divulgou uma nota diplomática reafirmando as pretensões dos Estados Unidos sobre o continente americano.

Em relação a Cuba, especificamente, a partir da década iniciada em 1820, os interesses econômicos dos norte-americanos aumentaram em função da indústria açucareira. Além disso, a localização geográfica da Ilha tinha importância estratégica pois, situada na entrada do Golfo do México, poderia servir de controle nas rotas de acesso ao Caribe. Havia portanto razões suficientes para o presidente norte-americano William McKinley declarar guerra à Espanha para se apossar das colônias que ela ainda possuía no continente americano. Para isso usou como pretexto a explosão do encouraçado norte-americano, *Maine* no Porto de Havana. A guerra hispano-americana foi declarada, mas em três meses a Espanha já pedia paz. Era

uma nação européia fraca e decadente, enfrentando a potência de um império econômico norte-americano, que despontava nessa época com toda voracidade e ganância. Em 12 de agosto de 1898, através da Embaixada da França foi feito um acordo que cessou as hostilidades entre os dois países. Foi firmado um protocolo que antecedia um futuro tratado de paz, onde, no primeiro artigo, a Espanha era obrigada a renunciar à soberania sobre Cuba.

O definitivo Tratado de Paz, o *Tratado de Paris*, firmado em dezembro de 1899, no artigo primeiro, retificando o documento anterior, foi assim redigido: "A Espanha renuncia a todo direito de soberania e propriedade sobre Cuba e a referida Ilha, quando evacuada pela Espanha, será ocupada pelos Estados Unidos".

O *Tratado de Paris* outorgou a Cuba uma pseudo independência. Os temores de Martí tornaram-se realidade.

Nas relações internacionais começava a era em que os norte-americanos procuravam colocar sob seu controle os estados americanos, usando a máscara de *união americana*. A República de Cuba foi obrigada a colocar em sua Constituição uma lei votada pelo Congresso dos Estados Unidos, a Emenda Platt, que, em fevereiro de 1901, propôs um governo nacional para Cuba, que se tornaria um protetorado dos Estados Unidos. Em 1902, a promulgação de tal emenda cerceou a liberdade de Cuba. Ficaram então os Estados Unidos autorizados a realizar intervenções armadas em Cuba; a receber concessões para explorar riquezas minerais cubanas e a ter o direito de instalar uma base naval no território cubano. Inicia-se em Cuba a Política do *Big Stick*, termo inglês que significa *porrete*. Tal termo era muito usado por Theodore Roosevelt, em seus discursos, onde ele costuma citar o provérbio: "Fala maciamente, mas carrega um grande porrete que assim chegarás muito longe".

A Emenda Platt durou de 1902 a 1934, mas Cuba permaneceu como protetorado dos Estados Unidos. Em 1933 foi instalado o governo do ditador Fulgencio Batista, apoiado pelos norte-americanos.

Em 1959 foi que Cuba pode respirar a liberdade através de uma revolução liderada por Fidel Castro e Che Guevara. Resgatou-se a memória de Martí através da herança de sua palavra escrita ou documentos, livros e jornais onde todo o seu pensamento de justiça, liberdade, soberania e

anti-racismo era a base da revolução de Sierra Maestra, quando de fato o ideal martiano foi realizado. Em Sierra Maestra, homens e mulheres, negros e brancos, velhos, crianças se juntaram ao ideal de ver seu país livre, justo e soberano.

Fidel e Che foram entre tantos bravos os que mais se destacaram na Revolução Cubana. O ano de 1959 além de ser o ano que mudou o rumo dos acontecimentos, marcou também o ano em que Cuba cumpria sua predestinação já traçada desde a participação de Martí na história desta Nação. Martí não só plantou a semente da Revolução de 1959 como também durante sua vida já tinha construído o alicerce para futuros acontecimentos. Martí lutou com armas e palavras pela causa mais nobre da humanidade. Apesar de Cuba um dia ter sido um protetorado dos Estados Unidos, os ideais de Martí fizeram germinar no coração e na mente de cada cubano a consciência do amor e da liberdade. Tais sentimentos foram passando de geração em geração até que um dia o povo colocou em prática todo o seu ideal. Levou muito tempo, custou muito sacrifício e muitas vidas mas a justiça e a liberdade prevaleceram definitivamente nessas terras. Em 1959 Cuba inverteu o sinal que mudou a ordem dos acontecimentos de sua história.

Deve-se a Martí o aparecimento de um novo projeto de nação, resultante das mudanças ocorridas em Cuba e no mundo e do pensamento político e social da época. A guerra de 1895 representou a reafirmação da consciência nacional, da identidade cultural e nacional. Ele implantou em Cuba uma tática e uma estratégia revolucionária, onde a revolução política é o primeiro passo para uma revolução transformadora do homem. Daí se compreende porque o cubano tem uma identidade claramente delineada e relevante auto-estima em comparação com os norte-americanos.

Em visita a Cuba, mesmo de caráter turístico, pode-se observar que a memória de Martí permanece no imaginário do povo e nas questões políticas do país.

O centenário da morte de Martí, em 1895, foi registrado nos centros culturais, em publicações, jornais, entre eles o *Granma*, cartazes foram afixados em diversos locais, conferências e comemorações foram realizadas.

Livros, publicações, acervo fotográfico são encontrados no Centro Cultural José Martí, em Havana, no Museu Fragoa Martiano, na Casa das Américas.

Em Havana há uma estátua de José Martí. Cartazes relembram os princípios revolucionários. Murais apresentam a relação nominal daqueles que se destacaram na revolução pela independência, entre eles, José Martí. Ele é sempre lembrado como mentor da revolução, pelos seus ideais libertários e defensor da identidade cubana. Até na música é reverenciado, como em *Guantanamera*, onde seus versos são cantados. Nas lojas são vendidos *souvenirs* de Martí, como bandeiras, chaveiros, posters.

O aeroporto de Havana leva o seu nome, assim como uma rua da cidade.

Atualmente, o socialismo cubano conta com a participação popular, o que acontece desde 1959. O principal instrumento dessa participação, instituída pelo governo, são os CDR.

A imagem de Martí como estrategista, anti-colonialista e anti-imperialista permanece em Cuba. Seu pensamento tornou-se fundamental para se compreender o processo político e social de Nossa América.

O ideário de José Martí permanece em Cuba. E Cuba, atualmente, é um paradigma não só para a América Latina como para o Mundo.

Bibliografia

- ABELAN, J. L. *La idea de America: origen y evolución*. Madrid: Ediciones Istmo, 1972.
- AQUINO, Ronaldo. *Fazendo a história. A Europa e as Américas do século XVIII ao início do século XX*. Editora ao Livro Técnico.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *De Martí a Fidel, a Revolução Cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Edl Civilização Brasileira, 1998.
- GARCIA, Luis Navarro. *La independencia de Cuba*. Madri: Editorial MAPRE, 1992. (Colección Independencia de Iberoamérica).
- LEUCHSENDRING, Emílio Roig de. *Martí, anti-imperialista*. La Habana, 1953.
- MARTÍ, José. *Nossa América. Antologia*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1991. p.27.
- Temas: Cultura, Ideologia, Sociedad. N° 2. Abril/Junho de 1995. Nueva Epoca.

Notas

- * Artigo resultante da mesa redonda "Os 40 anos da Revolução Cubana".
- ** Mestranda em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.
- 1 PEXOTO, Fernando. "Presença de José Martí". Nova América. p. 7.
- 2 RETAMAR, Roberto Fernandes. "Introdução a José Martí". Nova América. p. 62.

A MARCA DA RELIGIOSIDADE NOS JORNAIS DE JOSÉ DA SILVA LISBOA

*Pedro Gonçalves de Azevedo Junior**

José da Silva Lisboa estudou na Universidade de Coimbra, onde se formou em Leis (Direito Civil) entre 1774 e 1779. Por essa época, a sociedade portuguesa sofria a influência da Ilustração, mas paralelamente, preservava em sua cultura o peso da religião e de certas práticas do Antigo Regime, como a valorização da nobreza e dos privilégios. Dificultava-se assim, a assimilação de um liberalismo mais radical, sobretudo após os *acontecimentos funestos* de 1789. A Universidade de Coimbra não escapou a esta dualidade, constituindo um liberalismo mitigado que visava a influenciar a elite administrativa, servindo como um poderoso instrumento de unificação ideológica, assegurando uma certa unidade na cultura política do mundo luso-brasileiro.¹

Em Portugal não houvera uma Revolução burguesa, sendo a nobreza dependente de cargos e de empregos no Estado. Essa nobreza, juntamente com indivíduos não-nobres, era homogeneizada ideologicamente por seus estudos em Coimbra, entrando imediatamente, no serviço público.² Dessa participação coimbrã na formação da elite luso-brasileira orgulhava-se muito Silva Lisboa. Quando fez uma acirrada crítica às Cortes portuguesas argumentou:

... não se recordam, desbocados e ingratos, de que as luzes que tem, derivam da Universidade Reformada de Coimbra, cuja Legislação, e Reitoria foi, quase em tudo, obra Brasileira.³

A elite brasileira, formada em Coimbra e treinada no funcionalismo público do Império luso-brasileiro, possibilitava a manutenção de um aparato estatal organizado, como o que existiu no período pré-Independência, muito contribuindo para que se mantivesse a unidade administrativa do território do Estado brasileiro, durante o processo de separatismo de Portugal.